



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Identidade racial na infância

A construção da identidade racial na infância é um processo influenciado pelo meio social ao qual a criança pertence. Desde cedo, meninos e meninas negras percebem como sua cor de pele impacta a forma como são tratados e representados. De acordo com a psicóloga e pesquisadora Margoth Nandes da Cruz, o racismo estrutural cria uma diferenciação entre as pessoas, e isso se reflete nas experiências das crianças. Por isso, é essencial que a sociedade reconheça e combata essas desigualdades para garantir que todas as crianças tenham um ambiente seguro e acolhedor para crescer.

Apesar dos avanços na discussão racial no Brasil, ainda há muitos desafios a serem superados. É fundamental que crianças negras tenham o direito de viver sua infância de forma plena, sem que sua identidade seja reduzida a estereótipos negativos ou tentativas de “embranquecimento”. Para isso, é necessário que famílias, educadores e profissionais da área da infância estejam preparados para acolher, orientar e fortalecer a autoestima dessas crianças.

Nesse contexto, a Pastoral da Criança e seus líderes voluntários desempenham um papel essencial ao oferecer suporte e informações para famílias e comunidades, contribuindo na construção de um ambiente mais justo e inclusivo. A rede de apoio criada por essas lideranças pode ajudar pais e mães a lidarem com as questões raciais de forma sensível e educativa, promovendo a autoestima das crianças negras e fortalecendo a luta antirracista. Na entrevista a seguir, aprofundaremos essa discussão, trazendo reflexões importantes sobre os impactos do racismo na infância e estratégias para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Saiba mais

[Pastoral da Criança - Por uma equidade racial na infância - Dia da Consciência Negra](#)

[Espaços educativos sem racismo são indispensáveis para o desenvolvimento integral das crianças | NCPI](#)

Sobre o tema “Identidade racial na infância” confira, a seguir, a entrevista da semana, extraída do Programa de rádio Viva a Vida, da Pastoral da Criança.

ENTREVISTA COM: Margoth Nandes da Cruz, psicóloga formada pela UFPR e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Tem formação em Psicologia e Relações Raciais pelo AMMA Psique e Negritude. Atualmente, é professora de Psicologia na Fundação Santo André. Atua como psicoterapeuta desde 2018, com prática orientada pela psicologia histórico-cultural.



Margoth, qual é a importância de discutir sobre as questões de identificação e constituição de identidade nas crianças negras?

MARGOTH:

É extremamente importante que a gente discuta sobre as questões raciais, que a gente compreenda a dinâmica racial do nosso país, que foi constituído por uma diferença racial que continua existindo. No nosso processo de constituição de sujeito, nós vamos se entendendo a partir do que dizem que nós somos. Isso vale para a identidade racial. Então, se somos qual a nossa cor, o que se entende por essas identidades da pessoa negra, da pessoa branca e de outras identidades não-brancas, isso também vale para demais características que nos constituem. Se é menino ou menina, se tem ou não uma deficiência, qual é a classe social que a pessoa pertence. Então, no caso das crianças negras, muitas vezes são os adultos e as outras crianças que vão, conscientemente ou não, ter um tratamento diferenciado, determinado pela cor da pele. O mesmo também vale para as crianças brancas, que comumente vão ter um tratamento social mais positivo, e isso também vai impactar na constituição da identidade. Então, é importante para as crianças negras, e também para todas as pessoas, a compreensão de que as relações sociais são importantes na nossa sociedade.

Você acredita que as questões que envolvem a saúde mental das crianças negras vêm sendo discutidas, ou discutidas com a profundidade que deveriam?

MARGOTH:

Eu acredito que, enquanto sociedade brasileira, nós estamos avançando no debate racial e na especificidade da população infanto-juvenil, mas sempre pode-se avançar mais. São muitos os desafios para alcançar a profundidade que essa discussão deve ter. Uma delas é o mito da democracia racial. Por décadas, nós fomos bombardeados de que somos todos iguais e que não há racismo no Brasil. Infelizmente isso não é verdade. Os dados da desigualdade racial e os noticiários mostram que a população negra é submetida a muitas desvantagens. Outro desafio é que o próprio tema da infância também vem ganhando visibilidade só nas últimas décadas. Um exemplo marcador social é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que mudou nosso olhar sobre a violência contra a criança e o impacto disso na saúde mental dessas crianças. Então, há muitos pontos para essa discussão, para avançar ainda mais.

Do seu ponto de vista, qual é a maior dificuldade que as crianças negras passam na construção da autoimagem e da autoestima?

MARGOTH:

A maior dificuldade que eu identifico é de ter a oportunidade de fortalecer uma imagem e uma estima que contemple a complexidade de ser humano e, principalmente, de ser criança, ou seja, ser um humano pequeno que está se desenvolvendo, que pode brincar e imaginar sendo alguém que no futuro pode construir sua vida de forma que seja permitido acertos, erros, e que não vá ser reduzida a referências ruins desse imaginário social que sobre pessoas negras. Mesmo quando crianças negras vão ter essa criação mais amorosa e incentivadora, a criação do sentido criativo dentro de casa com sua família não corresponde a uma garantia de que nos demais espaços elas vão estar livres de violência, principalmente da violência racial, do racismo. O que é o racismo? O racismo é, entre outras coisas, uma diferenciação das pessoas de uma forma hierarquizada e valorativa, onde uns são vistos como superiores e outros são vistos como inferiores.

Qual é a importância da representatividade negra no processo de desenvolvimento da criança?

MARGOTH:

O tema da representatividade por si só é bastante importante. É importante que a gente reconheça quais são as representatividades que já existem, o que é referido quando se fala da população negra, sobretudo para as crianças, que já são uma população mais vulnerável. Se a gente pensar numa representatividade positiva, que valoriza os aspectos da população negra e a sua cultura, sim, é extremamente importante. E aí a gente pode compreender também o que são as representatividades negativas que influenciam o processo de desenvolvimento da criança. Isso porque, como eu já mencionei, nós vamos nos entendendo a partir dessas referências que já existem. Então vai fazer muita diferença, por exemplo, no desenvolvimento de uma criança negra, se dizem que o cabelo crespo igual o dela é bonito, ou se dizem o contrário, que é feio, que é sujo. Então é importante esse olhar sobre qual é a qualidade dessa representatividade exposta para a criança e a identificação do que é característico dela com essa referência.

Margoth, como você compreende as consequências do distanciamento da criança da sua origem, visto que percebemos uma tentativa social de trazer referências e simbologias brancas para o seu dia a dia?

MARGOTH:

Se eu entendi bem a pergunta, o questionamento é o impacto para as crianças negras da tentativa de embranquecimento e outros processos que distanciam da sua origem negra. Nesse sentido, eu acredito que há muitas dimensões de prejuízo psíquico, entre elas a frustração, porque ainda que a criança vá tentar se embranquecer ou tentar ser embranquecida por terceiros, o próprio racismo vai dar essa limitação de dizer que há um limite e que essa criança ainda é negra e que isso não é algo bom, pensando que o racismo promove essa hierarquia e essa inferiorização das pessoas negras. Uma outra repercussão derivada desse mesmo processo de tentativa de embranquecimento é o próprio desenvolvimento de uma relação muito frágil que a criança vai ter com ela mesma e com as referências que são próprias suas, dos seus iguais, da sua cultura, da sua família.

Desde muito novas, as crianças negras se deparam com um tipo de “preparação”, dada pelos seus familiares, para situações de racismo que possam vir a encontrar: como devem se comportar, situações que devem evitar e assim por diante. Como deve ser a atitude da família?

MARGOTH:

Casos assim já indicam uma consciência racial, uma consciência de que essa criança é negra, incentivar a negritude dela e de informar sobre como o racismo estrutural funciona na nossa sociedade, o que é distinto já do movimento do mito da democracia racial que eu mencionei anteriormente. Geralmente, esses familiares agem com intenção de proteger a criança de uma futura violência racial que ela possa sofrer, sabendo que sofrer racismo gera muito sofrimento e possíveis prejuízos que são difíceis de mensurar. Nesses casos, eu tenho principalmente duas pontuações. A primeira é de que esse responsável que quer trazer essa orientação para a criança entenda qual é essa idade da criança e a partir dessa idade, qual a comunicação mais adequada para se trazer esse conteúdo, que é um conteúdo delicado, mais importante. Digo isso porque há possibilidades distintas de trazer o mesmo conteúdo para uma criança de 3 anos, para uma criança de 6 anos e para uma criança de 11 anos, por exemplo. Então, buscar aprender um tanto sobre a especificidade da idade da criança negra que quer puxar esse assunto e adequar esse discurso. O segundo ponto é manter uma postura acolhedora, uma postura aberta para discutir sobre isso. E uma postura acolhedora para caso se confirme no futuro a violência racial. Esse trato amoroso e respeitoso, é muito importante em todas as circunstâncias, mas principalmente nesse assunto mais delicado. E, nesse sentido, a psicologia pode contribuir bastante para instruir como realizar esse movimento.

Como você acredita que esse encontro prematuro com a discriminação afeta a construção da sua identidade e subjetividade?

MARGOTH:

Quando nós falamos do encontro com o racismo, nós estamos falando de violência. Duas décadas atrás o Conselho Federal da Psicologia fez uma campanha que tinha a seguinte chamada: “o racismo humilha, a humilhação faz sofrer.” Então nós estamos falando de uma tentativa de humilhar um outro pela sua aparência e racialidade e esse fato por si só já gera muito sofrimento. E quanto mais novo, mais difícil compreender esse ataque e essa ferida, e é difícil também mensurar as marcas que isso gera. E aí a gente vai entendendo também que a criança não tem necessariamente recursos para se auto proteger. Ela precisa de terceiros que façam esse movimento de proteção ou de restauração de um dano sofrido. E aí, nesse sentido, eu vou destacar um ponto também bastante importante: para além da violência quando ela já ocorre, como é lidado com esse acontecimento? O manejo vai ser extremamente importante para o processo de elaboração da experiência. Quando após uma violência a vítima é amparada, recebe zelo e suporte, isso pode reduzir muito os danos da violência sofrida. E o inverso igualmente. Após essa violência, se a vítima é deslegitimada, culpabilizada, essa violência é negada, é gerado isolamento, essa experiência vai ser elaborada de uma forma muito ruim e possivelmente vai ter muito mais danos para o processo do desenvolvimento da criança. Então, ressaltando, para a criança é importante que ela tenha um espaço o mais protegido possível e tenha acesso a esse zelo, seja comentado em relação a isso e que direcione esse fortalecimento da criança com ela mesma. Isso por si só não vai garantir que a criança vai estar imune ao sofrimento, porque o sofrimento faz parte da vida. Mas é diferente nesse sentido das situações de violência estrutural.

Como as instituições, escolas e as pessoas podem contribuir para que as crianças negras tenham referências que as contemplem e gerem essa identificação?

MARGOTH:

Atualmente há muitos materiais que orientam e instrumentalizam as instituições a ter práticas antirracistas. O que a gente vê é que se as pessoas que compõem esses espaços não se eximirem dessa responsabilidade social e buscarem os acúmulos que vêm sendo construídos há anos, há mais possibilidade de que esse espaço seja reestruturado para um horizonte antirracista. Além de materiais, atualmente há também instituições que oferecem esse tipo de serviço, consultoria, práticas do psicólogo ou demais serviços. Eu vou dar destaque à Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio. Essa lei, que completou 20 anos ano passado, lamentavelmente não é corretamente aplicada em todo o sistema educacional. Esse é um passo importante de ser realizado principalmente nas instituições de educação, dentre outros vários que podem contribuir para essa mudança social necessária e que vai impactar diretamente todas as pessoas, desde os adultos, funcionários, familiares, mas principalmente as crianças que vão poder se desenvolver num contexto um pouco melhor e que seja, de fato, mais respeitoso com a diversidade humana.

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

MARIA INÊS:

A autoestima de uma pessoa, uma visão positiva sobre si mesma, na maioria das vezes, é formada na infância. Quantas pessoas hoje carregam memórias tristes de preconceitos, bullying, e atitudes e palavras racistas. Por isso, é preciso conversar sobre esse assunto desde a infância, para ajudar a criar uma forte identidade racial nas crianças, para que elas tenham orgulho de ser quem são e como são. Embora não exista momento certo para iniciar essa conversa, quanto mais cedo, melhor, para que a criança tenha informações, quando tiver suas interações sociais, e seja capaz de dialogar em questão de igualdade, ressaltando a beleza e a importância da diversidade, para que também a criança não aceite provocações, nem comentários maldosos sobre sua aparência, seu jeito de agir e ser. Com diálogo, sabedoria, e empatia, podemos orientar as crianças para que percebam que são únicas no mundo, preciosas tal como são, porque são frutos da maravilhosa criação das mãos de Deus.



(TESTEMUNHO) Leandro Prachedes, Coordenador Estadual da Pastoral da Criança do estado de Sergipe.

Leandro, como vocês líderes da Pastoral da Criança orientam as famílias durante a visita domiciliar de como os pais podem ajudar a criança a se desenvolver com uma boa autoestima, sem preconceitos?

LEANDRO PRACHEDES:

O que tem dificultado, muitas vezes, as nossas crianças, são os preconceitos de raça, cor, religião, seja na escola, seja na família, seja na comunidade. E a Pastoral da Criança vem destacar a importância dessa autoestima. Nós precisamos valorizar a nossa criança para que ela se torne, cada dia mais, uma criança saudável, com pleno desenvolvimento e com autoestima elevada. Esse é o nosso foco primordial.



(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO:

Precisamos ajudar desde cedo as crianças a construir uma identidade racial sólida e positiva, criar a cultura da inclusão, do respeito, da sensibilidade. A construção de uma identidade racial segura não é algo simples, nem se completa na infância. Além disso, pode ter impactos significativos no futuro, mas considerando que é parte fundamental do desenvolvimento infantil, precisa ser conversada na família, na escola, em todos os ambientes onde as crianças estão. Tudo isso ajuda a criança a ter autoestima e contribui para a promoção e a compreensão da beleza que há na diversidade. Que o Senhor abençoe e proteja todas as crianças e todas as famílias.

